

VIDAS E APRENDIZAGENS INTERESPÉCIES: REFLEXÕES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIESPECISTA

TATIANE CARIJIO ZUCCHETTI¹; VÂNIA ALVES MARTINS CHAIGAR²

¹ Universidade Federal do Rio Grande – tatizucchetti28@gmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande – vchaigar@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Antes de iniciar estes escritos, apresento-me como licenciada em Artes Visuais e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Integro o Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão Redes de Cultura, Estática e Formação na/da Cidade – RECIDADE. Minhas pesquisas têm como foco a arte/educação e a reflexão para uma educação antiespecista.

Apresento esta pesquisa, como um recorte de uma dissertação em fase final de análise de dados, cuja intenção é compreender como juventudes podem contribuir na produção de uma educação antiespecista por meio da arte/educação. Acredito que a presente pesquisa, vai além da prática investigativa, orientando-se para uma ética de reverência pela vida.

Compreendemos a juventude como um período marcado pela busca de engajamento político, ao adotarmos uma abordagem antiespecista, não apenas abrimos espaços para refletir sobre como esses jovens se relacionam com o seu entorno, mas também buscamos promover o desenvolvimento de um modo de ser e estar no mundo que seja baseado na ética, política e engajado nas relações interespecies.

Para conceituar o termo antiespecismo, a partir da leitura de CORREA E GIMENES (2024), compreendemos esse movimento como uma luta pela igualdade entre todos os seres sencientes, reconhecendo seus interesses e experiências. O especismo, em contrapartida, configura-se como a discriminação desses seres apenas por não pertencerem à espécie humana, sustentando uma estrutura social de exploração. Nesse sentido, a luta antiespecista se justifica em si mesma, pois o sofrimento que é imposto aos animais não humanos constitui motivo suficiente para uma reflexão ético-moral profunda sobre a dignidade da vida em suas múltiplas formas.

Quando falamos de uma educação antiespecista, buscamos promover o respeito e a igualdade entre todos os seres vivos, independentemente da espécie. Essa abordagem desafia a ideia de que os seres humanos têm o direito de explorar, discriminar ou causar sofrimento a outros animais não humanos. Por meio dela, propomos práticas que priorizem o bem-estar animal e incentivem a reflexão crítica sobre as formas de exploração e consumo que impactam negativamente esses seres.

A pesquisa foi conduzida a partir de uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, utilizando a técnica de grupo focal com jovens matriculados nos cursos de Artes Visuais e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Para a seleção dos participantes, foi elaborado um formulário no *Google Forms*, composto por nove questões, o qual foi enviado por e-mail às turmas dos referidos cursos. Este resumo é um recorte das análises iniciais de alguns dados levantados a partir do formulário de captação, que terá como foco as suas

concepções acerca do antiespecismo, dos direitos dos animais não humanos e como a educação poderia auxiliar a promover o antiespecismo.

2. METODOLOGIA

Os escritos da pesquisa, seus resultados e desdobramentos se apoiaram em uma abordagem metodológica, a partir da pesquisa autobiográfica (JOSSO, 2002). Visualizamos as experiências pessoais como um elemento importante da pesquisa, o que requer inevitavelmente uma reflexão e escrita autobiográfica.

Segundo JOSSO (2002), o ato de narrar a si a partir da escrita de vida e o processo formativo em uma pesquisa, nos coloca no ponto de flexão e de evolução entre a relação de si e com o mundo. Com isso,

[...] a procura de uma autonomização do pensamento, e a construção de uma subjetividade autêntica passam por pôr em prática um projecto de si como autor-investigador através da reinterpretação, para si, das valorizações simbólicas coletivas e dos múltiplos referenciais para o sujeito pensar a sua vida (JOSSO, 2002, p. 146).

Como pesquisadoras no campo da educação, ao trabalhar com a escrita de si para a formação de uma educação antiespecista, traçamos narrativas que se entrelaçam com as histórias de vida, assim potencializando a pesquisa. Aqui, entendemos essa narrativa como parte de uma singela reparação com os seres que perdemos, ao antropocentrizar a vida e à capacidade de compreendê-los.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de identificar suas concepções iniciais sobre o antiespecismo e os direitos dos animais, foi elaborado um formulário online com nove perguntas abertas e fechadas. Essa abordagem teve como função não apenas levantar dados preliminares sobre os sujeitos interessados em participar do grupo focal, mas também captar suas experiências pessoais com animais, sua compreensão sobre o tema e sua disponibilidade para os encontros presenciais.

A análise concentra-se nas respostas a perguntas específicas que abordam diretamente as concepções das participantes sobre o antiespecismo, os direitos dos animais não humanos e o papel da educação na promoção do respeito interespecies. Essas questões permitiram acessar não apenas ao conhecimento prévio das juventudes sobre o tema, mas também a suas reflexões éticas e suas experiências formativas relacionadas ao cuidado com os animais e à educação como ferramenta de transformação social.

Ao analisar a questão que buscava levantar se os participantes já haviam ouvido falar sobre antiespecismo e se sim, como entendiam esse conceito e em que contexto já tinham ouvido falar sobre ele. As respostas revelaram uma familiaridade significativa com o termo antiespecismo, pois das oito respostas que obtivemos, apenas dois participantes informaram não conhecer o termo. Os outros, em maioria, apontam que já tinham tido contato com o conceito, associando-o às suas trajetórias pessoais ligadas ao vegetarianismo ou veganismo, em processos de sensibilização na adolescência ou por meio de pesquisas pessoais e documentários. Outros, relataram apenas ter um conhecimento superficial, tendo ouvido falar em seus círculos de amizade, mas sem aprofundamento conceitual.

Nota-se, a partir das respostas, que o antiespecismo é um termo que circula de forma restrita por entre os espaços e não foi apontado por nenhum dos participantes, como um conceito visto nos ambientes formais de ensino. Essa constatação reforça a ideia de que há uma lacuna na educação institucional quando o debate são as relações interespecies.

Na questão onde buscou-se compreender o que, na opinião dos participantes, diferencia os seres humanos de outros animais não humanos, as respostas apontaram uma diversidade de perspectivas. Parte dos participantes mencionou a racionalidade, a fala e a capacidade cultural, o que vai ao encontro da visão comum de especismo.

Outros, no entanto, relativizam as diferenças, apontando reconhecer que os animais também possuem formas próprias de comunicação, sensibilidade e modos de vida considerados significativos. Alguns, ainda, destacam que, embora existam diferenças, elas não podem justificar práticas de agressão ou exploração animal. Aqui, percebemos uma certa tensão entre uma visão tradicional e especista, que ainda associa humanidade a racionalidade e cultura e, por outro lado, vê-se a constituição de uma visão crítica, que questiona a legitimidade dessas hierarquias e aponta para uma ética de reverência pelas vidas interespecies.

Quando questionados se concordavam que todos os animais deveriam ter direitos básicos, quais seriam esses direitos e o porquê de suas respostas, notamos uma certa unanimidade nas respostas quanto à concordância de que os animais não humanos devem ter direitos básicos.

Como direitos mais citados evidenciamos o direito à vida, saúde, moradia, alimentação adequada, segurança e liberdade. Porém, também aparecem respostas mais elaboradas, que apontam direitos como o de permanecerem em seus habitats naturais, o direito à justiça climática e até a sugestão de um “SUS para animais”. Essa pluralidade de respostas, nos mostra que, embora exista um consenso sobre a necessidade de proteção, existem diferentes níveis de aprofundamento quanto ao que esses direitos significam na prática. De modo geral, os argumentos analisados se sustentam no reconhecimento da sensibilidade dos animais e na crítica ao uso e exploração que a sociedade impõe sobre eles.

Ao serem questionados se, baseados na própria opinião, como a educação poderia ajudar a promover o respeito aos animais, analisamos que as respostas convergiram para a ideia de que a educação é um instrumento fundamental de transformação cultural e social no que diz respeito aos animais não humanos e o antiespecismo. Entre as estratégias sugeridas, destacamos a inserção da temática desde a educação básica, de forma contínua e não pontual; a realização de palestras e campanhas de conscientização sobre a causa; e ainda, a abordagem crítica sobre abandono, adoção e exploração animal. Alguns dos participantes apontam estratégias mais impactantes, como a necessidade de apresentar às novas gerações os processos de industrialização e consumo que invisibilizam a violência contra os animais, o que segundo eles, despertaria um olhar mais empático e questionador.

As análises levantadas nos reforçam o ideal de educação tradicional e especista que contribui para a criação de hierarquias entre os seres vivos, classificando-os em categorias que buscam justificar sua exploração e coisificação. Esse processo educativo cria barreiras de empatia e compreensão, tornando invisível o sofrimento de muitos seres sencientes, o que vem ao encontro da citação de NUNES:

Por muito tempo, e por influência direta da educação que recebemos, os animais são subcategorizados, ou seja, assim como nós somos divididos em humanos e não humanos, esses últimos ainda são subdivididos em inúmeras categorias a começar por úteis e não úteis, da floresta e da fazenda, domésticos e de estimação, do zoológico e do circo e por aí vai. Toda essa fração nos levou a um abismo que permitiu o ser humano coisificar vidas nas suas mais diferentes manifestações a ponto de não se reconhecer como natureza (NUNES, 2021, p.28-29).

Nesse contexto, a educação antiespecista torna-se fundamental. Ao introduzir as juventudes a uma visão ética que reconhece os direitos dos animais não humanos, a educação antiespecista não apenas amplia a compreensão sobre o mundo, mas também fomenta o desenvolvimento de uma consciência crítica, sensível e engajada. Essa abordagem contribui para a formação de pessoas capazes de agir de maneira ética e responsável, questionando práticas de exploração e promovendo relações mais justas entre humanos e não humanos.

4. CONCLUSÕES

A partir das análises realizadas, evidenciamos que as juventudes investigadas demonstram o reconhecimento da sensibilidade e necessidade de direitos básicos aos animais não humanos, para além da lógica utilitarista que os reduz a objetos de consumo. Apesar disso, nota-se que o conceito de antiespecismo ainda aparece com mais frequência apenas nos espaços pessoais de cada participante, e não nos ambientes formais de educação, o que reforça a lacuna existente sobre o tema na educação.

Também é notada uma certa tensão entre as visões tradicionais especistas e as perspectivas críticas que buscam questionar o ideal de hierarquia e apontam para uma ética de reconhecimento interespecies. Desta forma, a educação surge como um caminho central para a busca pelo antiespecismo, que pode promover a empatia, consciência crítica e a responsabilidade ética nas relações interespecies.

Concluimos, portanto, que uma educação antiespecista, que seja pautada no diálogo com as juventudes, pode contribuir para a formação de sujeitos mais engajados e sensíveis às relações interespecies, podendo colaborar para o fortalecimento de uma ética de reverência pela vida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREA, G. T.; GIMENES, C. I. Antiespecismo e pedagogia histórico-crítica: possibilidades emancipatórias. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, v. 16, n. 2, p. 340-355, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/54688/34298>. Acesso em: 9 jul. 2025.

JOSSO, M.C. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Editora Educa Formação, 2002.

NUNES, A. N. **Por uma pedagogia antiespecista**: experiências em prol de relações biocêntricas entre crianças e animais em escolas da cidade de Rio Grande/RS. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio Grande/RS. 2021.